



EXTREMO ORIENTE — ÍNDIA — AUSTRÁLIA SINOPSE DA ÁREA

Dutelvir Pereira do Nascimento

Tenente-Coronel de Engenharia da Turma de 15 Fev 55, promovido ao posto atual, por merecimento, em 31 Ago 75.

Possui os cursos militares da Academia Militar das Agulhas Negras, da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e de Equipamento Mecânico e Purificação de Água da Escola de Instrução Especializada.

Possui também os cursos civis de Ciências Econômicas, de Aperfeiçoamento e Especialização em Estudos de Problemas Brasileiros e de Gerência GRID.

Foi Instrutor do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de São Paulo e da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

Atualmente exerce a função de Instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

1. SUDESTE ASIÁTICO

Apenas recentemente, a partir da II Grande Guerra, a expressão Sudeste Asiático tem sido empregada para designar os países situados entre a Índia e a China.

Sua utilização sugere uma homogeneidade que na realidade não existe, pois alguns dos países são insulares e outros continentais; sua cultura, língua e religião nada têm em comum e suas populações pertencem a grupos étnicos bem diversos, além da diversidade de regimes políticos. Há, no entanto, alguns fatores comuns entre eles, visto que atravessaram experiências históricas muito semelhantes. Nas primeiras décadas deste século, com exceção apenas da TAILÂNDIA, eles estavam sob o domínio de potências ocidentais; embora por caminhos diversos, atualmente todos já conquistaram sua independência.

O desaparecimento do regime colonial, deixou-lhes um legado de problemas e dificuldades que poucos deles anteviram ou tiveram condições de solucionar de imediato; tal fato gerou uma série de conflitos internos em todos os campos do

poder, com profundas ressonâncias externas. Não há dúvida de que o fim do domínio colonial foi um marco no rumo dos acontecimentos.

Durante a II Grande Guerra e depois dela, duas forças externas influenciaram com destaque nos movimentos em prol da independência: o expansionismo do JAPÃO e os movimentos comunistas. As forças japonesas de ocupação motivaram o aparecimento de grupos nacionalistas armados e treinados que se dispunham a prevenir pelas armas o retorno do domínio colonialista; o movimento comunista, sob a liderança da RÚSSIA, aproveitou-se da situação e instruiu seus partidários na região para que se engajassem na luta contra os japoneses e se preparassem para combater os colonizadores após a derrota do JAPÃO. Na BIRMÂNIA, na MALÁSIA, no LAOS e nas FILIPINAS, particularmente, organizaram-se forças de resistência antinipônica; uma instável aliança entre comunistas e nacionalistas locais foi estabelecida. Preparava-se então, o palco para os tumultuosos acontecimentos do período de pós-guerra.

Terminada a II Grande Guerra a 15 ago 45, a independência dos países do sudeste asiático ocorreu de formas diversas. Em 17 Ago 45, os nacionalistas indonésios proclamaram sua independência; em 2 Set 45, Ho Chi Minh estabeleceu a República Democrática do Vietnã sob controle dos comunistas; as FILIPINAS tornam-se independentes em Jul 46, com a aquiescência dos EUA e em 4 Jan 48, a BIRMÂNIA proclama também a sua emancipação.

Já na Indochina Francesa os acontecimentos tomaram um rumo diverso. Face à resistência da FRANÇA, apoiada pelos EUA, o conflito generalizou-se e só foi apaziguar-se após a derrota dos franceses em Dien Bien Phu, em maio de 54, no exato momento em que se iniciava em Genebra uma conferência internacional com o objetivo de estabelecer um acordo de paz na região conflagrada.

Os países participantes da conferência — EUA, URSS, CHINA, INGLATERRA e FRANÇA, além de delegações do CAMBOJA, do LAOS e dos comunistas e nacionalistas do VIETNÃ — celebraram acordos para pôr fim à luta e dividiram o VIETNÃ em dois, na altura do paralelo 17; ao N ficaram os comunistas e ao S os nacionalistas, estes tendo por fiadores os norte-americanos.

Terminada a guerra na Indochina, os novos Estados do Sudeste Asiático empenharam-se em solucionar os problemas iniciais decorrentes de suas respectivas independências. Nas FILIPINAS os comunistas são derrotados, o mesmo ocorrendo na MALÁSIA; na BIRMÂNIA prosseguia a ação de guerrilheiros sem, contudo, fazer periclitarem o regime.

Surge a CHINA de Mao tentando fazer valer a força de sua influência na área e enormes comunidades chinesas existentes no sudeste asiático constituíam um excelente veículo para o seu objetivo expansionista. O VIETNÃ DO NORTE, temporariamente tranqüilo, não escondia sua intenção de absorver o VIETNÃ DO SUL e de expandir sua influência pelo LAOS e pelo CAMBOJA.

Preocupado com este estado de coisas, o Secretário de Estado Americano, John Foster Dulles empenhou-se em criar uma aliança de defesa pró-ocidental, capaz de manter o comunismo confinado às suas fronteiras da época. Daí resultou a Organização do Tratado do Sudeste Asiático (OTASE), entidade que perdeu muito

de sua força em virtude do "boicote" que lhe fizeram alguns países. A intervenção Militar da OTASE só poderia ocorrer pelo consenso de seus membros, porém, o estreitamento da amizade entre a CHINA e o PAQUISTÃO, a crescente oposição da FRANÇA de De Gaulle aos EUA e a influência russa, tornaram impossível essa unanimidade e a Organização viu-se militarmente impotente.

Seguindo o curso da história verificou-se que grandes vitórias comunistas foram alcançadas: o VIETNÃ DO NORTE esmaga o VIETNÃ DO SUL; o LAOS e o CAMBOJA também tornaram-se vermelhos. Enquanto isso, na INDONÉSIA, os comunistas não são tão felizes, o PC indonésio é duramente combatido pelos militares do país, acabando, em 1965, por ser dizimado e seus líderes fuzilados. Pouco a pouco, o General Suharto, que chefiara a reação dos militares, foi restringindo os poderes de Sukarno, até assumir ele próprio a presidência em 1967.

ESTE ASIÁTICO

Coréia do Norte e Coréia do Sul

Em 1971, pela primeira vez desde a assinatura do armistício de Panmunjon em 1953, estabeleceram-se contatos oficiais entre a CORÉIA DO NORTE e a do SUL, através de conversações organizadas pela Cruz Vermelha dos dois países cujo objetivo era, essencialmente, preparar o caminho para um ulterior restabelecimento das relações entre eles. Num acordo assinado em 1972, ambos os governos afirmavam que a reunificação deveria ser obtida por meios pacíficos, que a propaganda hostil deveria cessar e que os contatos diplomáticos seriam intensificados. Entretanto, em 1973, uma série de conflitos, que teve sua origem em disputas sobre águas territoriais, fez com que as parlamentações fossem interrompidas e as campanhas de mútua desmoralização reiniciadas. O incidente de fronteira em Panmunjon, ocorrido em 1976, veio tornar ainda mais distante a esperança de reunião, particularmente face à plena consciência que têm a CORÉIA DO SUL e o mundo ocidental, particularmente os EUA, dos verdadeiros designios da CORÉIA DO NORTE, qual seja o de estender seu tentáculo vermelho além do paralelo 38.

Japão

Por volta de 1955, o Japão recuperava-se da devastação causada pela guerra. Seu nível de vida elevou-se gradualmente e suas cidades não mostraram mais vestígios das ruínas em que se viu envolvido. É um dos países asiáticos que adotou com sucesso um governo democrático, entretanto, seu alinhamento com o Ocidente o coloca num certo dilema: sua defesa e riqueza dependem de muito da manutenção desses laços ocidentais. Até que ponto isso poderá ser aceito pelo resto da Ásia, sobretudo pela CHINA? Por outro lado, os EUA desejam um JAPÃO economicamente forte para que continue a ser o baluarte eficaz que é na contenção da expansão comunista na Ásia.

Em 1969, após a Reunião Internacional dos PC's realizada em Moscou, o

JAPÃO tornou-se um dos principais alvos da diplomacia soviética. As relações russo-nipônica, no entanto, têm sido bloqueadas pela íntima associação Washington-Tóquio e pela devolução de quatro ilhas do arquipélago das Curilas ocupadas pela União Soviética desde 1945. Acenando aos japoneses com as vantagens da cooperação econômica e com uma parcela vultosa no aproveitamento das matérias-primas siberianas, os russos tentam impedir laços mais íntimos entre o Japão e a China, os países do Sudeste Asiático e os EUA. Mas embora a diplomacia soviética se mostre ansiosa para melhorar as relações com Tóquio — sem fazer quaisquer concessões — os japoneses encontraram em Pequim um aliado na questão territorial. Os veículos de divulgação chineses têm emprestado vigoroso apoio à revisão do estado atual de coisas.

Verifica-se, portanto, que há quatro principais protagonistas no palco do Pacífico: a CHINA, a RÚSSIA, os EUA e o JAPÃO, sendo este o fiel da balança para onde os mais variados interesses convergem, já que a Terra do Sol Nascente transformou-se numa potência econômica mundial. Estritamente, sob a ótica asiática, a contínua expansão do poder militar soviético terrestre e naval poderá sobrepujar o fator econômico e a compellir a CHINA e o JAPÃO para uma aliança contra a União Soviética.

Formosa

O governo da China Nacionalista, derrotado no continente em 1949, estabeleceu-se em FORMOSA, com a intenção de um dia retomar o poder sobre todo o território chinês. A ajuda americana transformou a ilha em um país industrializado e próspero, com um dos padrões de vida mais altos da Ásia. O projeto de retorno ao continente, mantido vivo pelo Presidente Chiang Kai-shek, impediu o reconhecimento do governo comunista por Taiwan, porém, a mudança de atitude internacional para com a China Popular — ela foi admitida na ONU em outubro de 1971 e restabeleceu relações diplomáticas com diversos países, seguindo-se o afastamento da delegação de FORMOSA daquele Organismo — acarretou um profundo desgaste dessa posição. Embora a morte de Chiang Kai-shek, a 5 Abr 75, tivesse feito prever a possibilidade de busca de uma solução para esse impasse político, não se seguiu nenhuma alteração no pensamento de FORMOSA; ao contrário, em julho 76, o país retirou-se das Olimpíadas em sinal de protesto por não ter sido aceita sua exigência de que a chamassem de República da China.

Índia

Após sua independência em 1947, a ÍNDIA, um país de culturas e religiões muito diferentes e freqüentemente conflitantes, teve de lutar contra sérios problemas: a violência sectária, os conflitos sangrentos entre hindus e os muçulmanos do PAQUISTÃO, a luta armada pela posse da CACHEMIRA e a integração na estrutura federal de antigos principados, pequenos mas resistentes enclaves feudais. A essa fase seguiram-se, entretanto, desde a adoção da constituição republicana de janeiro de 1950, doze anos durante os quais o país, governado por Jauaharlal Nehru,

conheceu um relativo desenvolvimento industrial e firmou posição no plano internacional com sua política de pacifismo e não-alinhamento. Nehru morreu em maio 64 e seu sucessor Hal Bahadur Shastri, morreu em janeiro 66, na União Soviética, onde discutia um acordo que visava pôr fim ao constante conflito hindo-paquistanês a respeito da CACHEMIRA. A filha de Nehru, Indira Gandhi, que o sucedeu, deu início à revolução verde que tentou revitalizar as técnicas agrícolas e de irrigação.

O apoio indiano aos guerrilheiros do Paquistão Oriental levou a conflitos de fronteira e, em dezembro 71, à guerra entre a ÍNDIA e o PAQUISTÃO, ao término da qual a ÍNDIA reconheceu a independência de BANGLADESH.

Os distúrbios provocados por desemprego e escassez de víveres, a constante agitação resultante dos choques entre as várias facções que compõem a sua estrutura social, as lutas entre os hindus e a minoria muçulmana, além de repetidas denúncias de corrupção, reduziram o apoio popular a Indira, nas eleições de 1972. Essas mesmas razões, aliadas ao caos administrativo, foram responsáveis pelas desordens verificadas em 1973, em várias localidades. Nem a euforia e o significado internacional da explosão da primeira bomba atômica indiana, em maio de 74, serviu para acalmar a crise governamental, que se agravou com o julgamento, em 75, de um processo contra Indira, que se arrastava desde 71, em que a primeiro-ministro era acusada de usar material, funcionários e fundos do governo para sua campanha de reeleição em 71. Indira foi condenada a perder seu cargo e a ficar impedida de exercer qualquer função política durante seis anos. A Suprema Corte, para a qual ela apelara, a autorizou a permanecer em seu cargo.

Em 26 Jun 75, Indira decretou o estado de emergência, assumiu poderes extraordinários, impôs rigorosa censura aos jornais e ordenou a prisão dos principais líderes da oposição, entre os quais Jyoti Basu, chefe da extrema esquerda marxista, Morarji Desai, ex-vice-primeiro-ministro e o líder socialista Jaya Prakash Narayan.

Em Nov 75, a Suprema Corte inocentou Indira Gandhi das acusações que lhe haviam sido imputadas e em Dez 75, o primeiro-ministro anunciou que o estado de emergência permaneceria em vigor por tempo indeterminado e que as eleições, marcadas para fevereiro de 76 não se realizariam antes de 77.

Austrália

Historicamente a AUSTRÁLIA é um país voltado para o Ocidente, entretanto, nas eleições de dezembro de 72, o líder trabalhista Gough Whitlam conseguiu o que parecia impossível: derrotar a coligação conservadora instalada no poder durante 23 anos e assumir a chefia do governo.

Acompanhando as tendências da política internacional da época — marcada pelo relaxamento das tensões entre Ocidente e Oriente — Whitlam estabeleceu relações diplomáticas com a ALEMANHA ORIENTAL, CHINA e VIETNÃ DO NORTE; decidiu retirar suas forças estacionadas em CINGAPURA, VIETNÃ DO SUL e MALÁSIA; retirou-se do Conselho da Ásia do Pacífico (ASPAC), ao mesmo tempo que tentava uma aproximação com a ANSE — Associação das Nações do Sudeste Asiático e lançava a idéia de um fórum asiático, reunindo todas as nações da região.

Durante o seu governo trabalhista houve uma tentativa de aproximação com a URSS, pari passu com o reconhecimento da República Popular da China. Com a crise provocada pela discussão do orçamento para 75/76, Whitlam foi exonerado do cargo de primeiro-ministro assumindo o poder o líder liberal Malcolm Fraser.

ANÁLISE E ACONTECIMENTOS RECENTES E ATUAIS DA ÁREA

Análise da Área

Trata-se de uma região extremamente sensível e palco de confrontações milenares entre as mais variadas culturas. As recentes guerras na CORÉIA, na ÍNDIA e no VIETNÃ atestam, inequivocamente, que os interesses internacionais aí continuam em jogo, destacando-se como seus principais atores, velados ou ostensivos: RÚSSIA, CHINA, EUA e JAPÃO, cada qual desempenhando o seu papel com aplicação e determinismo.

Os dois primeiros desejando expandir sua malha vermelha, os EUA como principal representante da defesa da democracia e o JAPÃO — gigante econômico mundial — cada vez mais interessado em suas trocas comerciais e reivindicações territoriais.

Na *massa continental* encontramos o "baixo ventre asiático" balizado pela ÍNDIA e pela antiga INDOCHINA, com alta importância geo-estratégica, visto que esses dois "dedos da mão asiática" dominam pelo Norte as rotas marítimas entre o PACÍFICO e o ÍNDICO e flanqueiam a CHINA pelo Sul. Por isso, inevitavelmente, sempre será uma área de fricção entre os líderes citados que buscam e buscam, por todos os meios, particularmente CHINA, RÚSSIA e EUA, a hegemonia parcial ou total da área, lutando cada um de per si para trazê-la para a sua esfera de influência; a comunização do VIETNÃ, do LAOS, do CAMBOJA, as aproximações havidas entre a ÍNDIA de Indira e a RÚSSIA, a presença militar dos EUA e a sua ajuda econômica a vários países, são fatos que corporificam os interesses em jogo dos gigantes citados.

A CORÉIA constitui o "terceiro dedo da mão asiática". A CORÉIA DO SUL, por herança de uma guerra política e militarmente conduzida de forma, não muito satisfatória para o mundo ocidental, tornou-se no este asiático, o que chamamos de uma espécie de "cabeça-de-praia democrática", cuja área de retaguarda mais imediata está no JAPÃO. Ressalta, então, ser de todo interesse mantê-la, pois a sua perda significará a repetição do desastre vietnamita, o fechamento de mais um "dedo" e uma ameaça mais direta e próxima do JAPÃO do perigo vermelho. A propalada saída dos EUA da CORÉIA DO SUL deve ser encarada com preocupação.

Na *parte insular*, visualizamos o conhecido cordão defensivo mais longínquo dos EUA, bases naturais para o apoio de operações que se realizarem na região, com especial destaque para o JAPÃO, potência econômica mundial e uma das

pedras angulares do trilateralismo. Qualquer sucesso comunista na área redundará na implantação de uma nova CUBA asiática que servirá de pilar à exportação e à contaminação do marxismo na pulverizada região.

ACONTECIMENTOS RECENTES E ATUAIS

Vietnã

Após os primeiros meses da vitória Vietcong, ocorrida em 1975, famílias inteiras se suicidaram ou se evadiram.

Foram criados campos de concentração eufemisticamente chamados de "novas zonas econômicas", que segundo versão oficial são áreas de desenvolvimento agrário, porém, seus verdadeiros objetivos são: a reeducação do povo cuja inteligência foi "poluída" pelo regime anterior e o esvaziamento das cidades, principalmente de Saigon, rebatizada com o nome de Ho Chi Minh. Segundo o dogma do comunismo vietnamita deve-se ter ódio à riqueza; as cidades são ricas, logo é preciso odiar e esvaziar as cidades, símbolo do mal absoluto.

Os métodos, a doutrina, o peso do aparelho policial e burocrático são inteiramente soviéticos, que têm o duplo propósito de eliminar a influência tanto ocidental como chinesa.

O VIETNÃ teve um lugar de destaque na plataforma eleitoral de Carter. Seu primeiro ato oficial após sua posse foi a anistia aos americanos que se evadiram do serviço militar durante a guerra. Pouco antes de assumir o cargo de embaixador dos EUA na ONU, Andrew Young declarou: "Precisamos de um VIETNÃ forte", explicando que se o país asiático tiver boa margem de independência poderá servir como zona de contenção contra a CHINA. Seguiu-se o envio de uma missão oficial americana a Hanoi a fim de tratar do problema de soldados americanos desaparecidos durante a guerra do VIETNÃ (cerca de 2.500) e, logo depois, Carter declarava na ONU:

"No sudeste da Ásia e no Pacífico fortaleceremos a associação com os nossos amigos tradicionais e procuraremos melhorar as relações com os nossos antigos adversários."

Essas idéias se cristalizaram recentemente em Paris, quando ambos os países entabularam negociações para restabelecer suas relações diplomáticas, além dos EUA concordarem em não mais vetar a admissão do VIETNÃ na ONU e de suspender o embargo comercial contra esse país. Resultado final: em Set 77 a Assembléia Geral da ONU, ao inaugurar sua sessão plenária, elegeu o VIETNÃ como o seu 149º membro. A FRANÇA, por sua vez, também aproveitou a visita do primeiro-ministro vietnamita Pham Van Dong, para negociar uma ajuda ao desenvolvimento agrícola e industrial do VIETNÃ, numa demonstração de desejo de reconquistar sua antiga influência na Indochina.

Com a CHINA, o VIETNÃ teve agravadas suas relações. Em 1974, os chineses recorreram à força para ocupar seis ilhas do Arquipélago de Hsisha, situado no Mar da China, porém em abril de 1975, já sob o governo comunista, os vietnamitas retomaram as ilhas e agora a CHINA manifesta-se disposta a recuperar seus "territórios sagrados".

Laos

A República Democrática do Laos continua com suas relações com a TAILÂNDIA bastante tensas em consequência do asilo que esta dá aos refugiados laosianos. Houve choques nas margens do Mekong em que tropas do LAOS ocuparam ilhas do citado rio que são disputadas com a TAILÂNDIA. Logo depois, a fronteira entre os dois países foi fechada.

A exemplo do VIETNÃ, uma missão dos EUA esteve no LAOS para obter informações sobre soldados americanos desaparecidos.

Foi assinado um tratado de amizade e de cooperação entre o LAOS e o VIETNÃ, que pode ser interpretado como uma consolidação definitiva do domínio dos vietnamitas sobre o seu vizinho. Esse tratado, a entrar em vigor este ano, além de permitir a presença de soldados vietnamitas no LAOS, estabelece que as fronteiras entre esses países serão "permanentes e fraternais".

Camboja

O CAMBOJA mergulhou na idade das trevas desde que o Khmer vermelho assumiu o poder em 1975 e segundo estimativas mais otimistas cerca de 1.200.000 pessoas foram assassinadas.

Verifica-se, a exemplo do VIETNÃ, um esvaziamento das cidades particularmente de Phnon Penh, cujos habitantes estão sendo enviados para o campo.

A sua situação econômica é extremamente precária e o governo tem dificuldades em obter no exterior os produtos de que necessita para a reconstrução do país destruído pela guerra, pois não possui moeda e, portanto, não tem como obter divisas. A economia de mercado foi substituída pelo sistema primitivo de trocas.

Recentemente uma delegação cambojana visitou a MALÁSIA e CINGAPURA visando trocar mercadorias por matérias-primas, pois parece não querer depender economicamente do VIETNÃ.

Tailândia/Malásia

Estão unidas, através de um acordo no combate às guerrilhas que infestam ambos os países.

Guerrilheiros provenientes do CAMBOJA e do LAOS têm invadido a TAILÂNDIA, porém o seu grande inimigo na região é o VIETNÃ, cujo poder militar

supera o de seus vizinhos, já que foi muito beneficiado por equipamentos e armamentos capturados dos americanos. A verdade é que o VIETNÃ, sem desguarnecer seu Exército de cerca de 580.000 homens, está capacitado para treinar e municiar as guerrilhas da MALÁSIA e da TAILÂNDIA. De certa forma, a guerra no sudeste asiático continua nesses países. No Sul, ao longo da fronteira com a MALÁSIA, as tropas de ambos os países lutam conjuntamente contra guerrilheiros comunistas, cuja derrota definitiva é provável. Entretanto, em outra frente, a do Norte e Nordeste da TAILÂNDIA, é praticamente impossível cercar as unidades comunistas, que quando se vêm em apuros cruzam a fronteira passando para o CAMBOJA e/ou para o LAOS, onde são reabastecidos.

Filipinas

Com estilo de vida norte-americano, tem havido manifestações antiamericanas, porém, excetuando-se um resíduo espanhol que colonizou o arquipélago e uma série de bens de consumo japoneses, são poucas as influências visíveis não-americanas.

Os EUA aí possuem duas importantes bases: a aérea de Clark e a naval de Subic Bay, cujo direito de usá-las, segundo o tratado estabelecido, se estende até 1991.

Treze províncias do sul tentaram se constituir num Estado autônomo governado pela Frente de Libertação Nacional Muçulmana — FLNM — cujas bases estão na LÍBIA, porém, tal pretensão foi rejeitada por 98% dos habitantes do lugar que votaram contra a autonomia no plebiscito realizado em abril do ano passado.

Indonésia

É o país mais populoso e mais rico em recursos naturais do Sudeste asiático. Possuindo 135.000.000 de habitantes, sendo 80% de muçulmanos, a INDONÉSIA realizou eleições parlamentares sob a liderança do seu Presidente General SUHARTO, personalidade forte que eliminou os rivais em potencial. Sob o atual regime não são permitidas críticas a personalidades. A oposição não é tolerada e nem reconhecida.

Com um regime estável numa região conturbada, a INDONÉSIA deve tudo fazer para evitar agitações como as que ameaçam a MALÁSIA e a TAILÂNDIA, por exemplo.

Passemos agora para o *Este asiático*, que compõe com o sudeste o quadro do Extremo Oriente:

Coréia do Norte e Coréia do Sul

A CORÉIA DO NORTE acusou o JAPÃO de tentar pressionar os EUA a manterem suas tropas na CORÉIA DO SUL, de cerca de 35.000 homens.

Uma grande atividade política e diplomática se desenvolve atualmente entre a **CORÉIA DO SUL** e o **JAPÃO** que enfrentam juntos uma crescente inquietude pelas possíveis conseqüências de uma retirada progressiva das forças americanas.

Os EUA estão retirando da **CORÉIA DO SUL** os foguetes terra-terra Sergeant — o que permitirá a saída de 1.300 homens — os quais serão substituídos por foguetes antiaéreos Nike-Hércules dotados de carga explosiva convencional, dando seqüência ao plano de Carter de retirar da **CORÉIA DO SUL**, nos próximos 4 ou 5 anos, todas as forças terrestres americanas. No entanto tal plano encontra forte oposição do Senado e das Forças Armadas americanas.

A **CORÉIA DO SUL**, que tem a 5ª força militar do mundo, com um efetivo de cerca de 630.000 homens, acha que pode defender-se por si mesma contra um ataque da **CORÉIA DO NORTE**, porém, somente se esta não contar com a ajuda da **UNIÃO SOVIÉTICA** e/ou da **CHINA**, o que é pouco provável já que o pacto militar existente prevê a intervenção imediata desses países em caso de guerra entre as duas **CORÉIAS**.

Japão

Gigante econômico e anão político vê com preocupação o retraimento dos EUA do Extremo Oriente.

Reagiu imediatamente contra a decisão soviética de ampliar para 200 milhas o limite de suas águas territoriais, face aos graves problemas pesqueiros que lhe acarretou e ainda ter a **RÚSSIA** incluído nesse novo limite quatro ilhas japonesas, no Arquipélago das Curilas, ocupadas pelos russos após a II Grande Guerra. A ampliação do limite das águas territoriais russas atingiu estreitos importantíssimos, particularmente o de Soya no extremo Norte do **JAPÃO** e o Tsushima entre a **CORÉIA DO SUL** e o **JAPÃO**, que propiciam acesso das embarcações da poderosa base naval russa de **VLADVOSTOCK** ao Pacífico, estreitos esses que são também usados pelos EUA para entrar no mar do **JAPÃO**.

Em março de 77 Fukuda visitou os EUA e nessa ocasião foram discutidos importantes assuntos, entre os quais o pensamento americano de fazer do **JAPÃO** um ator político mais importante no concerto internacional, o que poderá ser traduzido pela colocação do **JAPÃO** como membro permanente do Conselho de Segurança da ONU. Nessa ocasião, a atual cooperação bilateral e a manutenção do Tratado de Segurança entre o **JAPÃO** e EUA foram confirmados. Carter concordou com Fukuda que a estabilidade na península coreana é um assunto permanente e importante, não só para o **JAPÃO** mas para todo Extremo Oriente, porém, não alterou a idéia da retirada gradual das forças americanas da região.

Enquanto as relações com a **RÚSSIA** esfriavam, o **JAPÃO** aproximou-se da **CHINA** através de uma missão comercial e de contatos militares feitos em Pequim.

Formosa

Continua sendo o maior obstáculo à normalização das relações entre EUA e CHINA. Nos últimos anos, os EUA reduziram o número de seus soldados estacionados em FORMOSA, porém mantiveram em vigor o tratado de defesa mútua assinado em 1954.

Carter parece inclinado a adotar a chamada "fórmula japonesa" para restabelecer relações com a CHINA. Esta fórmula, adotada pelo JAPÃO em 1972, consiste em romper os laços diplomáticos e militares, mantendo as relações econômicas e culturais com FORMOSA, porém, deverá sofrer forte oposição do Senado Americano.

A verdade é que nos parece que os EUA continuam indecisos quanto a melhor Linha de Ação a adotar visto que não conseguiram, até agora, arrancar de Pequim a promessa cabal de que não procurarão, pela força, unir FORMOSA ao continente, se romperem suas relações diplomáticas e o tratado de defesa com Taipé.

A CHINA mantém-se firme na idéia de que "ninguém deve interferir na questão da libertação de FORMOSA, parte inalienável do território chinês". Esta posição revela que Pequim insiste na exigência, para a normalização das relações com Washington, de que os EUA não só suspendam os laços diplomáticos com FORMOSA, retire de lá todas as suas tropas e instalações, como também cancelem o tratado militar de defesa da ilha.

A visita feita a Pequim por Cyrus Vance, que teve o objetivo de revitalizar as relações entre CHINA e EUA estagnadas desde o fim do governo Ford e ainda o de tentar superar as divergências sobre FORMOSA, esbarrou na radicalização das posições e, até agora, nenhum reflexo positivo foi sentido.

Índia

A democracia que nos últimos anos marcou ausência na ÍNDIA parece estar voltando. Inconformados com o estabelecimento do estado de emergência desde junho de 1975 — uma espécie de golpe de estado — uma série de atos ditatoriais de Indira e com a campanha de esterilização, os líderes dos quatro principais partidos indianos decidiram se unir e acabaram por derrotar Indira Gandhi nas eleições de março de 77, fato que a obrigou a renunciar.

A queda de Indira e do Partido do Congresso que governava a ÍNDIA desde a sua independência, representou um duro golpe para a estratégia global soviética que colhe neste momento grandes frutos na África.

Durante o governo de Indira, que manteve o poder por 11 anos, Moscou obteve a influência que buscava desde a era dos czares, qual seja o de conquistar as importantes rotas do Oceano Índico para o Oriente Médio e isolar seu tradicional rival, a CHINA.

O novo primeiro-ministro Morarji Desai, logo após sua posse, anunciou que a Índia não manteria relações especiais com nenhum país. Referindo-se ao Tratado de Paz e Amizade assinado em 1971 com a RÚSSIA, Desai declarou: "se o tratado indo-soviético prejudicar as relações com outros países, então teremos de mudá-lo". Prometeu também que a ÍNDIA seguiria uma política de não alinhamento e tentaria evitar testes nucleares.

Entretanto, a reação russa não tardou. Logo após, Gromiko visita a ÍNDIA e estabelece novos acordos de cooperação econômica e técnica entre os dois países e reitera os laços de amizade estabelecidos há seis anos.

Austrália

Pouca coisa há a acrescentar sobre a AUSTRÁLIA, apenas a sua manifestação de apoio à política de não proliferação nuclear de Carter. A AUSTRÁLIA possui cerca de 20% das reservas mundiais de urânio.

CONCLUSÕES

Juntemos agora as peças do jogo e introduzamos os adversários para estabelecer algumas conclusões.

Como vimos, a área estudada continua a ser um vulcão potencialmente apto a entrar em erupção. Aliando os fatos recentes com outros passados, poderíamos dizer que nos últimos anos a região tem sido dominada pelo relacionamento de dois triângulos maciços e contraditórios.

O 1º compreende: RÚSSIA — ÍNDIA — EUA e o 2º: CHINA — JAPÃO — EUA.

Análise do 1º triângulo

Representa um perigo para o 2º, pelo fato da RÚSSIA ainda ser grande aliada da ÍNDIA e hostil à CHINA e JAPÃO. A posição dos EUA é de importância crítica, pois faz parte de ambos os triângulos.

Face à aproximação da CHINA com os EUA, a RÚSSIA focalizou uma atenção maior sobre a ÍNDIA, na sua tentativa de cercar a CHINA ao mesmo tempo em que adquiria predominância naval no Índico. Nos termos do tratado, a ÍNDIA comprometeu-se a não estabelecer qualquer relacionamento incompatível com o pacto soviético. Tal fato exerceu um impacto especial sobre o relacionamento da ÍNDIA com a CHINA e com os EUA.

A nova CHINA de Hua Kuo-feng está profundamente interessada e ansiosa por melhorar suas relações com a ÍNDIA bem como por romper o anel que os soviéticos constroem à sua volta. Ignora-se, por enquanto, qual será a verdadeira política de Desai.

Nesse Interim, Washington, sem dúvida, sente-se satisfeita ao ver entreabrir-se novamente a porta da **ÍNDIA**.

Análise do 2º triângulo

Também é complexo. A **CHINA** e o **JAPÃO** estabeleceram entre si um arranjo bastante firme graças ao fato de Tóquio ter retirado seu apoio político a **FORMOSA**. As ameaças de Carter de retirar as forças norte-americanas da **CORÉIA DO SUL** suscitaram preocupação entre os japoneses, os quais temem que isso possa deixar desprotegida a sua costa ocidental ou que a **CORÉIA DO NORTE** — com o encorajamento soviético ou não — decida pôr à prova o vácuo que será produzido com a retirada norte-americana.